

# A jovem bailarina de Auschwitz

“Um relato  
sensível e  
instigante para  
adolescentes.”

– *Booklist*



“A história  
da Dra. Eger  
me transformou  
para sempre.”

– Oprah

EDITH EVA EGER



SEXTANTE

*Para as cinco gerações da minha família:  
meu pai, Lajos, que me ensinou a sorrir;  
minha mãe, Ilona, que me ajudou a encontrar  
dentro de mim aquilo de que eu precisava;  
minhas lindas e extraordinárias irmãs, Magda e Klara;  
meus filhos, Marianne, Audrey e John; meus netos,  
Lindsey, Jordan, Rachel, David e Ashley, e meus bisnetos,  
Silas, Graham, Hale, Noah, Dylan, Marcos e Rafael.*

*Agradeço a meu neto, Jordan Engle, que não me deixou desistir do desejo de escrever um livro para o público jovem, que orientou e conduziu este projeto e que apoia minha obra e meu legado.*

## Nota da autora

Queridos leitor e leitora, passei quase oito décadas de vida escrevendo este livro. Aos 16 anos, quando estava vivenciando de perto os horrores do Holocausto, eu já estava escrevendo, pensando em você; enquanto via meus filhos, depois meus netos e bisnetos atingirem a maturidade; ao lecionar para alunos do ensino médio e me tornar psicóloga especializada no tratamento de traumas; ao me conectar com meus amados pacientes e com plateias de todo o mundo, eu já estava escrevendo. Meu grande desejo era compartilhar o que havia me ajudado a sobreviver ao impensável, para que você soubesse que uma história da capacidade humana para o mal também pode ser uma história de nossa incrível capacidade para a esperança.

Sinto que tenho a responsabilidade de contar minha história. De relatar a verdade para que a humanidade nunca esqueça o que aconteceu, mas também para deixar um legado de esperança e entusiasmo pela vida, de modo que meus pais e os outros milhões de pessoas não tenham morrido em vão. O triunfo e a celebração da vida devem prevalecer.

Este parece ser o momento certo para finalmente contar a você minha história. Há pouco mais de um ano, minha irmã Magda faleceu, apenas algumas semanas após completar 100 anos. Isso me fez concluir que talvez fosse minha última chance de escrever este livro. Sou motivada pela minha mortalidade.

Também sou motivada pela *sua* vida. Vejo os grandes desafios que os jovens enfrentam no mundo de hoje, realidades perturbadoras como a violência armada, o cyberbullying, mudanças climáticas, uma pandemia global e índices alarmantes de ansiedade, depressão, desespero, suicídio. Quero usar meus 96 anos passados neste planeta – quase um século de vida, evolução e cura – para incentivar você, defender você, para oferecer um roteiro emocional e espiritual para lidar com a dor e as inevitáveis dificuldades que você enfrentará. E quero dar a você algo escrito especialmente para esta fase de seu desenvolvimento, enquanto você aceita o que herdou e suportou, abraça sua força e sua autenticidade e escolhe construir a vida que deseja viver.

Ofereço-lhe este livro com gratidão, na esperança de que você sinta que não está só nesta estranha tarefa de ser humano; e na esperança de que, ao ler minha história, você pense: *Se ela conseguiu, eu também consigo!* Ofereço-lhe este livro para que você também consiga transcender a condição de vítima e escolher dançar pela vida, mesmo em circunstâncias abomináveis. Ofereço-lhe a história da minha vida para empoderar você a ser um embaixador da paz e um agente de escolhas em *sua* vida.

Ofereço-lhe este livro para que você possa viver como realmente é: precioso e livre.

Com amor,  
Eddie  
Outubro de 2024



# 1

## A Pequena

Queriam um menino, mas quem chegou fui eu.

Uma menina. A terceira filha, a caçula.

“Fico feliz que você tenha inteligência, porque lhe falta beleza”, costuma dizer minha mãe. Talvez ela queira dizer que nunca serei bonita, ou talvez esse elogio envolto em crítica seja seu jeito de me encorajar a estudar bastante. Motivação expressa como advertência. Talvez ela esteja tentando me poupar de algum destino invisível. Ou tentando me dar uma ideia melhor de quem posso me tornar.

– Você pode aprender a cozinhar outra hora – disse-me ela quando perguntei se poderia me ensinar a trançar chalá, fritar frango ou fazer a geleia de cereja que ela prepara no verão e guarda para o resto do ano. – Volte para a escola.

Estou diante do espelho do banheiro, escovando os dentes para ir à escola. Observo meu reflexo. Será verdade que não tenho beleza? Sou dançarina e ginasta, meu corpo é esguio e forte. Gosto da minha força. Gosto do meu cabelo castanho ondulado – embora Magda, minha irmã mais velha, seja a bonita da família. Mas quando olho nos meus próprios olhos no espelho, quando mergulho nesse misterioso e familiar azul-esverdeado, não consigo identificar muito bem o que vejo. É como se estivesse fora do meu próprio corpo, olhando para dentro, me observando como se fosse personagem de um romance, o destino desconhecido, o coração e a personalidade ainda em desenvolvimento.

Acabei de ler um dos livros da minha mãe, *Naná*, de Émile Zola, surrupiado de sua estante e devorado em segredo. Não consigo tirar a última cena da cabeça: a bela e elegante artista Naná, desejada por tantos homens, jaz alquebrada e doente, o corpo coberto de feridas da varíola. Há algo aterrorizante na descrição. Mesmo antes da varíola, mesmo quando ela ainda era linda e atraente, seu corpo era perigoso. Uma arma. Ameaçador, algo a ser temido.

E no entanto ela era desejada. Estou faminta por um amor assim. Por ser vista e conhecida como um tesouro. Ser coberta de afeto, saboreada como um banquete.

Em vez disso, me ensinam a ter cautela.

– Lavar-se é como lavar a louça – disse minha mãe. – Comece pelos itens de cristal, depois vá para as panelas e frigideiras.

Deixe o mais sujo para o final. Até meu próprio corpo é suspeito.

Magda bate na porta do banheiro, cansada de esperar.

– Pare de sonhar acordada, Dicuka!

Ela usa o apelido que minha mãe inventou para mim. *Ditzuka*. Essas sílabas sem sentido normalmente me transmitem afeto, mas hoje ressoam ásperas e estridentes.

Passo depressa pela minha irmã irritada e sigo para o quarto

que dividimos, onde vou me vestir ainda pensando na garota do espelho – a garota que anseia por amor. Talvez o tipo de amor que desejo seja impossível. Passei 13 anos costurando minhas lembranças e experiências em uma história de quem eu sou, uma história que parece revelar que estou danificada, que não sou desejada, que não sou aceita.

Como na noite em que eu tinha 7 anos e meus pais deram um jantar. Eles me mandaram ir encher uma jarra de água, e da cozinha eu os ouvi brincando: “Podíamos ter evitado essa aí.” Queriam dizer que já tinham uma família completa antes de eu nascer. Já tinham Magda, que tocava piano, e Klara, prodígio do violino. Eu não trouxe nenhuma contribuição nova. Era desnecessária, insuficiente. Não havia lugar para mim.

Testei essa teoria fugindo de casa, quando tinha 8 anos. Será que meus pais perceberiam minha ausência? Em vez de ir para a escola, peguei o bonde até a casa dos meus avós – o pai e a madrasta da minha mãe. Eu confiava que eles me dariam cobertura. Meus avós viviam em guerra com mamãe por causa de Magda, escondendo biscoitos na gaveta dela na cômoda. Eles representavam a segurança para mim. Andavam de mãos dadas, algo que meus pais nunca faziam. Eram puro conforto: o cheiro de carne assada e feijão, de pão doce, de *tcholent* – um guisado delicioso que minha avó levava à padaria para cozinhar no Shabat, quando a prática ortodoxa não permitia que ela usasse o próprio forno.

Meus avós ficaram felizes em me ver. Eu não precisava me esforçar para receber amor ou aprovação deles, era algo dado livremente. Passamos a manhã na cozinha, comendo rocambole de nozes, e foi maravilhoso. Até que a campainha tocou. Meu avô foi atender. Um momento depois, ele voltou correndo à cozinha. Era surdo e me falou alto demais:

– Vá se esconder, Dicuka! É sua mãe!

Ao tentar me proteger, ele me entregou.



O que mais me incomodou foi o olhar da minha mãe quando me viu na cozinha dos meus avós. Não era apenas a surpresa por me encontrar ali – era como se o simples fato de eu existir a surpreendesse. Como se eu não fosse quem ela queria ou esperava que eu fosse.

No entanto, muitas vezes sou sua companheira. Fico sentada na cozinha com ela quando meu pai, que tem uma alfaiataria, vai a Paris para encher malas e mais malas de seda. Minha mãe fica rígida e atenta quando ele retorna, temendo que tenha gastado demais. Ela não recebe visitas de amigas em casa. Não há mexericos circulando na sala, tampouco discussões sobre livros ou política. Sou eu quem ouve os segredos dela. O tempo que passamos juntas, só nós duas, é valioso para mim.

Uma noite, quando eu tinha 9 anos, estávamos na cozinha, ela embrulhando o que restara do strudel feito com a massa que eu a vi cortar à mão e dobrar como uma toalha pesada na mesa de jantar. “Leia para mim”, ela pediu, e fui buscar a cópia desgastada de *E o vento levou* na mesa de cabeceira dela. Já o havíamos lido por inteiro e recomeçado do início. Fiz uma pausa para olhar a inscrição misteriosa, em inglês, na folha de rosto. Era uma caligrafia masculina, mas não a do meu pai. Minha mãe dizia apenas que havia ganhado o livro de um homem que ela conhecera quando trabalhava no Ministério das Relações Exteriores, antes de conhecer meu pai.

Sentamo-nos em cadeiras de espaldar reto junto ao fogão a lenha. Quando líamos juntas, eu não precisava dividi-la com ninguém. Mergulhei nas palavras e na história, na sensação de estar em um mundo só com ela. Scarlett retorna a Tara no final da guerra e descobre que a mãe morreu e o pai ficou transtornado pela tristeza. “Deus é minha testemunha”, diz Scarlett, “nunca mais passarei fome novamente.” Minha mãe fechou os olhos e apoiou a cabeça no encosto da cadeira. Eu queria subir

no colo dela. Queria descansar a cabeça em seu colo. Queria que ela beijasse meu cabelo.

– Tara... – murmurou ela. – A América... um lugar que valeria a pena conhecer.

Eu queria que ela dissesse meu nome com a mesma suavidade que reservava para um país onde nunca estivera. Todos os deliciosos aromas da cozinha da minha mãe estavam misturados para mim com o drama da fome e da abundância – sempre, mesmo na abundância, aquele anseio. Eu não sabia se aquele anseio era dela ou meu ou de nós duas.

– Quando eu tinha a sua idade... – começou minha mãe.

Agora que ela estava falando, eu não ousava me mexer, temia que um movimento meu a interrompesse.

– Quando eu tinha a sua idade, os bebês dormiam juntos e minha mãe e eu dividíamos uma cama. Certa manhã, acordei com meu pai me chamando: “Ilonka, acorde sua mãe. Ela ainda não fez o café nem separou minhas roupas.” Eu me virei para minha mãe, que estava ao meu lado sob as cobertas. Mas ela não se mexia. Estava morta.

Eu queria saber cada detalhe do momento em que uma filha acordava ao lado da mãe que se fora. Também queria desviar o olhar. Era assustador demais imaginar.

– Quando a sepultaram, naquela tarde, pensei que tivesse sido enterrada viva. Naquela noite, meu pai me mandou preparar o jantar da família. Foi o que fiz.

Esperei o resto. A moral da história ou o consolo.

– Hora de dormir – foi tudo o que minha mãe disse.

E se abaixou para varrer as cinzas debaixo do fogão.

Passos ecoaram no corredor vindo em direção à porta da cozinha. Senti o cheiro do tabaco do meu pai antes mesmo de ouvir o chacoalhar das chaves.

– Ainda acordadas?

Ele entrou com seus sapatos engraxados, o terno elegante, um sorriso largo, um saquinho que me entregou com um beijo estalado na testa.

– Ganhei de novo – gabou-se.

Sempre que jogava cartas ou bilhar com os amigos, ele dividia os ganhos comigo. Naquela noite, trazia um *petit four* coberto de glacê rosa. Se fosse Magda, minha mãe teria tirado o doce de suas mãos, preocupada com seu peso. Mas ela assentiu com a cabeça, me dando permissão para comer.

Minha mãe se levantou, indo do fogão até a pia. Meu pai a interceptou, levantando sua mão para girá-la pelo aposento, o que ela fez, rigidamente, sem dar um sorriso. Ele a puxou para um abraço, uma das mãos em suas costas, a outra tocando de leve seu peito. Minha mãe o afastou.

– Sou uma decepção para sua mãe – meu pai meio que sussurrou para mim enquanto saíamos da cozinha. Ele queria que ela ouvisse, ou seria um segredo? Guardei isso para refletir mais tarde. Naquele momento, a amargura na voz de meu pai me assustou. – Ela quer ir à ópera toda noite, levar uma vida cosmopolita e sofisticada, mas sou apenas um alfaiate. Alfaiate e jogador de bilhar.

Seu tom de derrota me deixou confusa. Ele é bem conhecido na nossa cidade, querido por todos. Brincalhão, sorridente, parece sempre à vontade, animado e divertido de se conviver. Sai com seus muitos amigos. Adora comer – especialmente o presunto que às vezes contrabandeia para casa e come sobre o jornal em que vem embrulhado, colocando pedaços da carne de porco proibida na minha boca, ouvindo as acusações de mamãe de que está sendo um mau exemplo. Sua alfaiataria ganhou duas medalhas de ouro. Ele não é apenas um bom artesão de costuras alinhadas e bainhas retas, é um mestre da alta-costura. Foi assim que conheceu minha mãe: ela precisava de um vestido

e o procurou porque seu trabalho tinha sido muito bem recomendado. Mas ele queria ser médico, não alfaiate, um sonho desencorajado pelo pai e que de vez em quando emergia em demonstrações de decepção consigo mesmo.

– Você não é um alfaiate qualquer, papai – eu o tranquilizei.  
– Você é o melhor!

– E você vai ser a dama mais bem-vestida de Košice – me disse ele, acariciando minha cabeça. – Tem o corpo perfeito para a alta-costura.

Ele mandou o desânimo de volta para as sombras. Ficamos ali parados no corredor, nenhum dos dois pronto para se separar.

– Eu queria que você fosse menino, sabia? – disse meu pai. – Dei um murro na porta quando você nasceu. Fiquei muito bravo por ter mais uma menina. Mas agora você é a única com quem posso conversar.

Ele me deu outro beijo na testa.

Ainda amo receber atenção do meu pai. Assim como a da minha mãe, é preciosa... e instável. Como se merecer o amor deles tivesse menos a ver comigo e mais com a solidão deles. Como se a minha identidade fosse apenas uma medida do que falta a meu pai e minha mãe.



Quando me sento à mesa do café da manhã, minhas irmãs mais velhas me recebem com a cantiga que inventaram para mim quando eu tinha 3 anos e fiquei estrábica, em decorrência de um procedimento médico malfeito em um dos olhos.

– *Você é tão feia, tão fraquinha...* – cantam elas. – *Nunca vai arranjar marido.*

Durante muito tempo andei de cabeça baixa para que não ficassem olhando meu rosto. Fiz uma cirurgia aos 10 anos para

corrigir o estrabismo, portanto já deveria ser capaz de erguer os olhos e sorrir para desconhecidos, mas a insegurança persiste, alimentada pelas provocações das minhas irmãs.

Magda tem 19 anos, lábios cheios e cabelo ondulado. É a piadista da família. Quando éramos mais novas, ela me ensinou a jogar uvas pela janela do nosso quarto e acertar as xícaras de café dos fregueses sentados lá embaixo. Klara, a do meio, é um prodígio do violino. Aos 5 anos ela já tocava o Concerto para Violino de Mendelssohn.

Estou acostumada a ser a irmã quieta, a invisível. Estou tão convencida da minha inferioridade que raramente me apresento pelo nome. “Sou irmã da Klara”, digo. Não me ocorre que Magda pode estar cansada de ser a palhaça, que Klara pode se ressentir de sua precocidade. Ela não pode deixar de ser extraordinária, nem por um segundo, pois o risco é perder tudo: a adoração a que está acostumada, sua própria identidade. Magda e eu precisamos nos esforçar para conseguir algo que temos certeza de que nunca teremos o suficiente, enquanto Klara tem medo de cometer um erro fatal a qualquer momento e perder tudo. Klara toca violino desde que me entendo por gente, desde os 3 anos. Muitas vezes ela pratica em frente à janela aberta, como se não fosse explorar plenamente sua genialidade criativa se não puder convocar uma audiência de transeuntes para testemunhá-la. Parece que, para ela, o amor não é ilimitado, é condicional – a recompensa por seu desempenho. E ser amada tem um preço: o trabalho de ser aceita e adorada é, no fim, uma espécie de pagamento.

No café da manhã, todos comemos pãezinhos da padaria com manteiga e a geleia de damasco da nossa mãe, mais para doce do que para azeda. Mamãe serve o café e a comida. Meu pai já pendurou a fita métrica no pescoço e enfiou no bolso do paletó um pedaço de giz para marcar os cortes no tecido. Magda espera que minha mãe ofereça uma segunda rodada de pães. “Deixa que eu

como o seu”, ela sempre me diz quando recuso. Quando Klara pigarreja, todos nos viramos para ouvir o que ela tem a dizer.

– Preciso dar uma resposta ao professor sobre o convite para estudar em Nova York – diz ela, sua faca alisando a manteiga amolecida no pão quente.

– Temos família em Nova York – pondera meu pai, mexendo o café.

Ele se refere a sua irmã Matilda, que mora em um lugar chamado Bronx, um bairro de imigrantes judeus.

– Não – contrapõe minha mãe. – Já discutimos isso. É longe demais.

Penso naquela noite na cozinha, quando ela falou da América com tanto anseio. Talvez a vida seja assim, uma constante indecisão entre o que não temos mas desejamos ter e o que temos mas desejamos não ter.

– Se não Nova York, então que seja Budapeste – diz Klara, contrariada.

Minha mãe começa a tirar os pratos da mesa, de cabeça baixa. Apoiar a carreira da filha favorita significa perdê-la. Ou talvez não seja tristeza por Klarie sair de casa, e sim por sua própria intransigência. Talvez esteja zangada consigo mesma por dizer não quando quer dizer sim.

O bom humor crônico do meu pai não é perturbado pelo peso da decisão de Klara ou pela preocupação de minha mãe com essa decisão.

– Vamos conversar melhor sobre o assunto – diz ele, afastando o humor sombrio que mais uma vez baixou sobre a mesa. Então se vira para mim e estende um envelope. – Dicuka, leve este dinheiro para a escola. A mensalidade já venceu.

Eu pego o envelope, sentindo a importância da confiança dele. No entanto, essa entrega de responsabilidade também é uma advertência. Um lembrete de quanto custo à família. Uma

pergunta aberta sobre o valor que agrego. Seguro o envelope com firmeza enquanto reúno meu material para a escola, como se isso me ajudasse a determinar quanto importo e quanto não importo, como se me ajudasse a desenhar o mapa que mostra as dimensões e as fronteiras do meu valor.



Os momentos mais felizes para mim são quando estou sozinha e posso me recolher em meu mundo interior, por isso adoro a caminhada para a escola judaica particular que frequento. Ensaio os passos da coreografia de “Danúbio azul” que minha turma de balé vai apresentar em um festival à beira do rio.

Penso no meu professor de balé e em sua esposa, na sensação que tenho quando subo a escada para o estúdio, dois ou três degraus de cada vez, e troco a roupa da escola pelo collant e a meia-calça. Estudo balé desde os 5 anos, quando minha mãe intuiu que eu não tinha jeito para a música, que meus talentos eram outros (meus pais tentaram me iniciar no antigo violino de Klara, mas não demorou muito para minha mãe tirar o instrumento das minhas mãos, dizendo “Já basta”). Já o balé, amei desde o começo. Meus tios me deram um tutu que usei na primeira aula. No estúdio eu não me sentia tímida. Fui direto até o pianista e perguntei que peças ele ia tocar para a turma.

– Vá dançar, querida – ele me disse. – Eu cuido do piano.

Com 8 anos eu já frequentava as aulas de balé três vezes por semana. Gostava de fazer algo que era só meu, diferente das minhas irmãs. E gostava de estar no meu corpo. Gostava de praticar os alongamentos, nosso mestre de balé nos lembrando que força e flexibilidade são inseparáveis – para flexionar um músculo, é preciso que outro se estenda. Para obter amplitude e flexibilidade, precisamos manter a força no núcleo. Eu recitava

suas instruções na minha mente como uma oração. Descia o corpo, a coluna reta, os músculos abdominais contraídos, as pernas se afastando. Sabia que precisava respirar, sobretudo quando me sentia travada. Imaginava meu corpo se expandindo como as cordas no violino da minha irmã, encontrando o ponto exato de tensão que fazia todo o instrumento vibrar. Então lá estava eu, num espacate completo. “Bravo!”, exclamou meu professor, aplaudindo. “Fique exatamente onde está.” Ele me levantou do chão e me colocou sobre sua cabeça. Era difícil manter as pernas totalmente estendidas sem o piso para sustentá-las, mas por um momento me senti como uma oferenda. Como luz pura. “Editke”, meu professor disse, “todo o seu êxtase na vida virá de dentro de você.” Naquele momento, eu ainda não entendia direito o que ele queria dizer. Mas sabia que podia respirar, girar, chutar e me dobrar. Que, à medida que meus músculos se alongavam e se fortaleciam, cada movimento, cada postura parecia gritar: *Eu sou, eu sou, eu sou. Eu sou eu. Eu sou alguém.*

A imaginação toma conta e me vejo fora dali, distante, em uma nova dança só minha, na qual imagino meus pais se encontrando. Interpreto os dois papéis. Meu pai faz uma cômica batida de perna dupla quando vê minha mãe entrar. Ela gira mais depressa, salta mais alto. Faço todo o meu corpo se arquear em uma risada alegre. Nunca vi minha mãe se alegrar, nunca a ouvi soltar uma gargalhada gostosa, mas sinto em meu corpo a inexplorada fonte de sua felicidade.

Quando chego à escola, não encontro o dinheiro que meu pai me deu para pagar o trimestre inteiro. Na agitação da dança, não sei como, perdi o envelope. Procuro em todos os bolsos e dobras das minhas roupas, mas é em vão. Passo o dia inteiro com o medo queimando minhas entranhas.





À noite, em casa, espero o jantar terminar para tomar coragem de contar ao meu pai o que aconteceu. Ao erguer o punho com o cinto na mão, ele não consegue me olhar. É a primeira vez que me bate – a primeira vez que bate em uma filha. Ele não me diz nenhuma palavra quando termina.

Vou me deitar cedo, antes de terminar o dever de casa, minhas costas e nádegas ainda ardendo. O que dói mais do que as marcas na pele é a sensação de que há algo errado comigo. Em breve descobrirei que o lugar profundo no qual me escondo na solidão é uma ferramenta de sobrevivência, mas hoje minha imaginação me parece uma aberração. Um defeito terrível.

Puxo minha boneca para debaixo das cobertas. Eu a chamo de Pequena. Ela tem cabelos pretos compridos e ondulados e olhos verdes que se abrem. Verdes como os do meu pai. É uma boneca linda, meu bem mais querido. Fechando os olhos com força no cômodo escuro, sussurro no ouvido de porcelana lisa dela:

– Tomara que eu morra para que ele se arrependa do que me fez.

A Pequena fica em silêncio, como se refletisse sobre a raiva avassaladora que sinto de meu pai (e de mim mesma) neste momento. Deixo a fúria crescer dentro de mim, intensificando-a. Há certo prazer em dizer as piores coisas.

– Não – sussurro para minha boneca, a voz embargada pelas lágrimas. – Tomara que... – deixo o crescendo vir – que... – Vou dizer o pensamento mais violento e terrível que consigo imaginar. Uma sentença tão horrível que jamais poderei retirá-la, algo que ainda não sei que me assombrará, que se repetirá em minha mente em noites muito piores, em momentos muito mais sombrios. – Tomara que meu pai morra.

Pequena não diz nada, os olhos fechados na escuridão, uma cortina que se fecha rapidamente no palco.

## CONHEÇA OS LIVROS DE EDITH EVA EGER

A bailarina de Auschwitz

A liberdade é uma escolha

A jovem bailarina de Auschwitz

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Sextante,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[sextante.com.br](http://sextante.com.br)

